

Entrevista com Élie Bajard

IDE: Como o senhor avalia o projeto de Escolas leitoras do IDE, em parceria com o Instituto C&A?

Élie Bajard: Acho que é um bom projeto, já que toca várias dimensões. Primeiro, é um projeto social que inclui os professores, pais e a comunidade em volta da escola. Então é um projeto misto escolar-social. Segundo, ele trata de uma aprendizagem muito importante, já que lida com a conquista da escrita, que é uma linguagem imprescindível. No nosso mundo há muitas crianças que não sabem entender um texto. Muitas vezes, os alunos sabem decifrar, sabem decodificar, sabem transformar as letras em som, sabem, talvez, reconhecer as palavras uma depois da outra, mas com essas palavras não conseguem criar sentido.

IDE: Como está sendo voltar ao Brasil para passar um pouco de seus conhecimentos para educadores de escolas públicas potiguares?

EB: Faz tempo que estou trabalhando com o Rio Grande do Norte. Na verdade, estou morando em São Paulo e estou vindo de São Paulo para trabalhar, mas excepcionalmente este ano fui passar seis meses na França. Então, a Cláudia (coordenadora do IDE) me disse que era uma pena que eu não pudesse começar a trabalhar no início do projeto. A gente pensou que, no lugar de esperar o segundo semestre, durante a minha estadia na França, eu poderia vir diretamente a Natal sem passar por São Paulo, vindo de Portugal e trabalhar com os professores aqui.

IDE: Quais são os fatores mais importantes para transformar crianças em leitores?

EB: Estou tentando justamente trabalhar sobre duas vertentes. Primeiro, permitir a criança a possibilidade de conhecer o livro muito cedo. É isso o que eu estou trabalhando com os professores através da mediação de leitura. A criança pode conhecer o livro muito antes de ser alfabetizado, por exemplo, escolhendo o livro, olhando as imagens e escutando o texto da boca dos mediadores. Então, o mediador tem essa possibilidade de ajudar a criança a entrar na literatura infanto-juvenil dizendo o texto aos ouvidos da criança. Assim, a criança vai conhecer a literatura infanto-juvenil antes de saber ler. Mas não é o suficiente porque a criança pode escutar o texto a vida toda e não se transformar em um leitor. Então, é preciso a intervenção da escola para que a criança não só goste de ouvir o texto, mas tenha a capacidade de sozinho poder entender o texto a partir do tratamento visual.

IDE: Quais são as principais dificuldades mais relatadas por educadores para o trabalho de formação de leitores?

EB: Para mim, a principal dificuldade é de que o mediador seja um educador de verdade, que ele saiba que não deve criar entre a criança e ele mesmo uma dependência, senão a criança vai sempre requerer o mediador, requerer o adulto para poder acessar o livro. Ali dentro, a dificuldade é de justamente permitir a criança de se beneficiar do texto sonoro do adulto, mas também deixar o espaço para que ele possa se tornar autônomo em relação ao livro.

IDE: O senhor já observou resultados concretos com esse trabalho?

EB: Sim, teve resultado. Sensibilizou vários professores a uma concepção de que a escrita não seja só uma aprendizagem da transformação das letras em som, mas que se trata de uma educação dentro de uma nova linguagem que é a escrita. Essa linguagem cria vínculos diferentes entre a pessoa e o mundo.